

“Uma palavra preocupada”:

A escrita como ofício de cidadania em Eugénio de Andrade¹

João de Mancelos

(Universidade Católica Portuguesa)

Palavras-chave: Eugénio de Andrade, cidadania, intervenção, política, ética.

Keywords: Eugénio de Andrade, citizenship, interventionist literature, politics, ethics.

Uma literatura que não respire o ar da sociedade que lhe é contemporânea, que não ouse comunicar à sociedade os seus próprios sofrimentos e as suas aspirações, que não seja capaz de perceber a tempo os perigos morais e sociais que lhe dizem respeito, não merece o nome de literatura: quando muito, pode aspirar a ser cosmética.

Alexander Soljenitsyne, *Os Direitos do Autor* (1969)

1. Palavras de força

A literatura apresenta-nos inúmeras situações de autores pertencentes a diversas nacionalidades e correntes que, através da escrita ficcional ou discursiva, pugnam por certas causas políticas ou éticas. Dois exemplos, um positivo e outro negativo, bastam para se compreender a força da palavra escrita, capaz de alterar o rumo da própria História. A escritora Harriet Beecher Stowe (1811-1896), com o célebre romance *Uncle Tom's Cabin* (1852), denunciou ardentemente a escravatura nas plantações de tabaco e algodão dos Estados Unidos. Segundo os historiadores, esta consciencialização contribuiu para a sangrenta Guerra Civil que opôs o norte ao sul escravagista entre 1861 e 1865. Conta-se que o presidente Abraham Lincoln (1809-1865), ao conhecer a autora, afirmou: “So you are the little woman who wrote the book that started this great war”. O conflito pôs termo a trezentos anos de escravatura e quatro milhões de negros encontraram finalmente a liberdade — graças, em boa parte, a um simples livro (Stowe, 1911: 203).

Outro exemplo, mais recente, do peso da literatura liga-se à guerra Bósnia/Croácia/Sérvia, que desmembrou a República Jugoslava, após a ascensão do presidente Slobodan Milosevic, em dezembro de 1990. O nacionalismo e a discriminação interétnica foram

¹ Mancelos, João de. “Uma palavra preocupada: A escrita como ofício de cidadania em Eugénio de Andrade”. *Ofícios do Livro*. Org. António Manuel Ferreira e Eugénia Pereira. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2007. 153-162. ISBN: 978-972-789-257-0.

instigados, ao longo de décadas, pela obra de escritores como Skender Kulenovic, Slobodan Selenic e Djura Jaksic. Este último poeta, um dos mais populares da Sérvia, invetivava: “Die Brothers! Wade in blood! Let the villages burn! Into the flames throw children alive” (Karahasan, 1995: 11). Foi um dos conflitos mais cruéis a seguir à Segunda Guerra Mundial: populações dizimadas em limpezas étnicas; violações constantes dos direitos humanos; cidades como Drubovnic tornadas cinza.

Dezevad Karahasan, um ensaísta jugoslavo que sofreu no corpo e na alma as fracturas do seu país, alerta os leitores para o erro que constitui ignorar a força da literatura: “I took seriously the freedom of literature, which is actually free because it is mistakenly regarded as being insignificant” (Karahasan, 1995: 13).

Na realidade, toda a obra literária é, em menor ou maior grau, ideológica — quer apoie, combata ou mesmo ignore às instituições vigentes; quer se enquadre num pensamento político instituído ou exprima uma opinião singular do escritor. O filósofo Arnold Hauser argumenta:

Por mais que o artista pareça ser superior à efémera realidade, e por mais que pretenda abranger um universo, representa sempre pessoas, meios e situações de um certo momento histórico. (...) A uma distância atemporal, as características de uma verdadeira obra de arte não são visíveis. A sua origem, o seu efeito e o seu renascimento são (...) temporais. (Hauser: 1984: 77, 78)

Nesta linha, para compreender em profundidade uma obra interventiva, é fundamental, sem *nunca* negligenciar a vertente estética, interrogar a dinâmica entre a literatura e o poder, e analisar o contexto ideológico que o autor perfilha ou combate. De acordo com o especialista em Estudos Culturais Lawrence Grossberg: “intellectual work is, by itself, incomplete unless it enters back into the world of cultural and political power and struggle, unless it responds to the challenges of history” (Grossberg, 1992: 6).

A faceta *engagée* da obra de Eugénio de Andrade (1923-2005) não tem sido explorada com profundidade, limitando-se um ou outro estudioso a aflorar os aspetos mais visíveis do pensamento deste poeta. Em parte, creio que tal se deve à ideia que a maioria dos leitores tem de Eugénio como um homem pouco sociável e arredado até de tertúlias culturais — uma imagem que o escritor cultivou em diversas entrevistas (Andrade, 1995: 107). Para além disso, os críticos têm abordado sobretudo a vertente lírica da poesia eugeniana, vocacionada para o amor, o erotismo e a natureza, temas *aparentemente* dissociados de um compromisso com o tempo e a ideologia (digo *aparentemente* porque acredito que no encontro entre duas pessoas, celebrado em tantos poemas, se tecem já relações de poder, negociação e políticas da sexualidade).

No entanto, Eugénio foi um escritor atento às grandes causas, influenciado pelos poetas de inspiração socialista da geração de 40 (Torres, 2005: 28), e por outros, como Walt Whitman (1819-1892), que fizeram do verbo uma arma. É o próprio Eugénio que afirma o carácter empenhado da sua obra, neste passo de *Rosto Precário* (1979): “Temporal, por excelência, a palavra do poeta é uma palavra *preocupada*. Ele sabe que o seu trabalho é preservar, sem os corromper, uns sinais que, apesar de frágeis, têm a força prodigiosa de revelar o homem ao homem” (Andrade, 1995: 50).

Num outro texto do mesmo volume, Eugénio reitera, de forma inequívoca, a componente interventiva da sua poesia, recusando, contudo, o carácter panfletário de certa literatura comprometida:

É uma poesia anti-institucional, que recusa toda a iniquidade, escrita de costas para a moral vigente, desinserida de práticas religiosas comuns (...), alheia ao espírito competitivo e de lucro das sociedades de consumo; numa palavra, uma poesia de contestação, em sentido amplo, que afirma a radical diferença de modos de pensar e agir, atenta ao real sem contudo recusar a utopia, que não pactua com demagogismos populares mas igualmente distanciada de todo o aristocracismo das estéticas minoritárias. (Andrade, 1995: 143)

Ainda noutro passo de *Rosto Precário* (1979), Eugénio reitera a expressão “palavra preocupada”, e sublinha a vertente interventiva das letras nacionais, durante o combate ao fascismo, fazendo votos para que a literatura permaneça ao serviço da ainda jovem democracia:

Entre nós [os Portugueses], a criação pela palavra sob o fascismo foi sempre criação *responsável*. Os livros apreendidos, as mutilações da Censura, as prisões, o exílio, o encerramento da Sociedade Portuguesa de Escritores aí estão a prová-lo rotundamente. (...) Porque a palavra, em todos estes anos, foi sempre palavra *preocupada*, uma vez iniciado o processo de democratização, anunciado finalmente o início de uma descolonização sem ambiguidades neocolonialistas, creio que os escritores portugueses não terão dificuldade em erguer a voz numa terra limpa onde a palavra poética aspire à realidade total. (Andrade, 1995: 78, 79)

Em muitos outros passos da sua obra poética, nas entrevistas e nos volumes de meditações que nos deixou (*Os Afluentes do Silêncio*, *Rosto Precário* e *À Sombra da Memória*), Eugénio vê a escrita como um ofício de *cidadania*. Este termo, hoje recorrente no discurso político e académico, implica estar atento à vida social de um país, intervir no domínio público, através da solidariedade, da denúncia da injustiça, da participação no futuro coletivo e, se necessário for, desafiando o poder (Reimão, 2000: 137, 138).

A contestação de Eugénio ao regime ditatorial não foi nem óbvia nem decisiva, como o

próprio reconhece:

Se penso nas vítimas do fascismo, nos perseguidos na carne e no espírito, nos que passaram pelas prisões e pelo Tarrafal, naqueles a quem a Polícia Secreta roubou ao sono, violou a intimidade, interrogou, torturando, matando até; (...) se penso em todos eles e ainda nos milhares de exilados e emigrantes — que importância teve a minha resistência ao fascismo? (Andrade, 1995: 79)

No entanto, também é verdade que, já nessa altura, a sua poesia, luminosa e livre, era lida por muitos dos que ansiavam por uma mudança política, na sombra do cárcere, na clandestinidade e na selva dos combates. Manuel Alegre disse-lhe mesmo: “Os seus livros andaram comigo — na guerra, na cadeia, na clandestinidade, no exílio. Há um cujas capas têm manchas, talvez de terra, talvez de sangue” (Andrade, 1993: 35).

Na conturbada fase de consolidação democrática que sucedeu ao período revolucionário de 1974, Eugénio cooperou em campanhas políticas de apoio a Vasco Gonçalves, e assinou inúmeras petições e documentos. Contudo, manteve sempre alguma distância em relação à vida política, como explica em *À Sombra da Memória* (1993): “Não me inscrevi em nenhum partido porque, como Flaubert, se algum partido tinha era o da indignação, e esse não se constituía ainda, nem chegaria a constituir-se” (Andrade, 1993: 34).

Nesta linha, interessa-me menos a faceta *política* e mais a vertente *ética* de Eugénio, empenhado em defender causas que ultrapassam no lugar e no tempo o programa de qualquer força partidária. Trata-se de um compromisso com valores de agora e de amanhã, que Vergílio Alberto Vieira tão bem define na expressão “ética da pressuposta intemporalidade”, salientando o universalismo da poesia eugeniana (Vieira, 1989: 13). Na luta *contra a obscuridade* (título significativo de um dos seus livros, de 1988), o poeta proclama a defesa da ecologia; o direito à cultura; a dignificação do corpo; o combate à xenofobia, à desigualdade social, ao colonialismo, à guerra e a tudo aquilo que, no entender de Eugénio, “põe em causa os valores culturais e civilizacionais do homem” (Andrade, 1995: 194).

Seria uma tarefa inexequível, num texto tão curto, abordar todas as causas defendidas por Eugénio na sua escrita. Assim, limito-me a focar certos passos que revelam este poeta comprometido com dois grandes desafios a que frequentemente alude: o anti-belicismo e a ecologia.

2. O anti-belicismo e a ecologia

No final de *Rosto Precário* (1979), na heteróclita lista de coisas que detesta (e onde inclui desde os ranchos folclóricos ao Bispo de Braga), Eugénio não se esquece de referir “os militares” e “os pupilos do Exército” (Andrade, 1995: 205). Esta antipatia do escritor prende-se com o carácter desumanizado, excessivamente rígido e agressivo da instituição militar. Por um lado, atribui ao Movimento das Forças Armadas o crédito pela liberdade — “O 25 de Abril foi ação de militares, isso não pode ser esquecido nem diminuído: além de injusto, seria grave” (Andrade, 1995: 76); por outro, responsabiliza o Exército pela longa e sangrenta Guerra Colonial, e por ter sido, em colaboração com a Igreja, “um dos pilares do fascismo” (Andrade, 1995: 80).

Na poesia, Eugénio expressa de forma colorida e sarcástica a aversão aos militares e ao belicismo. Por exemplo, no tributo “À Memória de Ruy Belo”, incluído no volume *Homenagens e Outros Epitáfios* (1974), o poeta define-os como “galos de Barcelos, / igualmente bravos, igualmente inúteis / (...) e tão inimigos todos daquela festa / que em ti, em mim, e nas dunas principia” (Andrade, 2005: 241). Na mesma linha, no poema “Ao Miguel, no seu 4º Aniversário, e contra o Nuclear, Naturalmente”, um texto inspirado pelo célebre filme *The Day After*, acerca de um possível conflito atómico (Rodrigues, 2006: 55), Eugénio vai mais longe, e manifesta o “ódio a tanta e tão vil / besta fardada”, e apelida os militares de “abutres e chacais (...) que só crimes e crimes pariam” (Andrade, 2005: 247).

No melancólico poema “Sobre o Tejo”, o poeta aponta especificamente para um conflito, a Guerra Colonial Portuguesa, que decorreu nas frentes de Moçambique, Guiné e Angola, entre 1961 e 1974. O texto concentra-se num soldado que, sendo anónimo, representa todo um universo de jovens recrutadas, tantas vezes alheios às razões de um combate que não é o seu:

Que soldado tão triste esta chuva
sobre as sílabas escuras do Outono
sobre o Tejo as últimas barcas
sobre as barcas uma luz de desterro.

Já foi lugar de amor o Tejo a boca
as mãos foram já fogo de abelhas
não eram o corpo então dura e amarga
pedra do frio.

Sobre o Tejo cai a luz das fardas
É tempo de dizer adeus.
(Andrade, 2005: 200)

O poema captura bem a atmosfera de tristeza sentida na despedida dos barcos de

guerra, novas naus que partiam ao vento da retórica imperial, carregadas de militares, e regressavam com muitos deles em caixões de pinho. Expressões como “triste (...) chuva”, “sílabas escuras”, “luz de desterro” ou “luz das fardas” contrastam flagrantemente com o Tejo em tempo de paz, descrito como um “lugar de amor” e de desejo. Pela sua brevidade, singeleza e rigor; pela quase ausência de referentes de localização (só é mencionado o Tejo); pelo desespero amordaçado, ao sabor do ritmo lânguido, que quase nenhuma vírgula intrometida sobressalta, o poema ganha o ânimo e a dimensão de um protesto não apenas contra um conflito específico, mas contra toda e qualquer guerra. Como afirma Luís de Miranda Rocha num ensaio que dedica inteiramente a estes versos:

É um poema de circunstância, mas com uma grande motivação em horizonte de fundo (motivação política, social, etc., neste etc. compreendida a dimensão histórica com que isso já hoje se nos impõe). (...) Na poesia portuguesa contemporânea da guerra colonial também não haverá muitos poemas assim, falando disto nesta aparência de meios-termos com que a estratégia da elipse se confunde, mas a que a grande poesia recorre, porque tem de furtar-se constantemente ao lugar-comum que seria a expressão directa da realidade a que se refere. (Rocha, 2005: 243)

Já duas décadas antes da publicação de “Sobre o Tejo”, no magnífico poema que deu título à não tão conseguida obra *As Palavras Interditas* (1951), Eugénio denunciara o legado do belicismo, em versos com a força de um epitáfio amargo, a relevar a natureza destrutiva do homem e a cobrir de cinza qualquer esperança de redenção: “cada homem tem apenas para dar / um horizonte de cidades bombardeadas” (Andrade, 2005: 57).

Nos anos noventa, são menos os conflitos específicos e mais a corrida ao armamento nuclear, o que preocupa e revolta o escritor:

Como se não bastassem já os anteriores alarmes (poluição das águas, da atmosfera, explosão demográfica, crianças a morrer à fome pelos quatro cantos do mundo) temos agora todos esses mísseis apontados ao coração, que não tardarão a multiplicar-se como os pães do milagre. Uma catástrofe nuclear nunca esteve tão próxima. (...) É uma civilização de bárbaros, a nossa. (Andrade, 1995: 141)

A par das preocupações pacifistas, Eugénio manifesta — tal como Alberto Caeiro, Walt Whitman (1819-1892) e Wallace Stevens (1879-1955), três escritores que admira profundamente — uma “fidelidade à terra onde mergulha as raízes mais profundas” (Andrade, 1995: 17). A sua vertente ecológica começa precisamente aqui: ao celebrar com euforia não só a paisagem das Beiras e do Alentejo, mas também a do litoral atlântico e mediterrânico, o poeta convida o leitor à apreciação da beleza natural e das gentes que aí vivem, numa relação

simbiótica entre o homem e o ambiente.

Esta faceta de poeta telúrico, discutida amplamente pela crítica eugeniana, é completada pelo de escritor *interventivo*, que abraça, na sua obra e em entrevistas, o repto da causa ecológica. Em *À Sombra da Memória* (1968), por exemplo, Eugénio manifesta-se preocupado com três tipos de poluição, que enuncia: “a poluição industrial, a poluição turística, a poluição nuclear” (Andrade, 1993: 156). Por seu turno, em *Rosto Precário* (1979), sublinha “o gosto pelos grandes espaços, o amor pelos animais, as preocupações ecológicas” (Andrade, 1995: 167).

Na poesia, Eugénio denuncia também os atentados feitos à natureza, em nome do progresso e do lucro. No já aqui citado “Ao Miguel, no seu 4^o Aniversário, e contra o Nuclear, Naturalmente”, lamenta com amargura:

(...) Só quis que a terra fosse limpa,
 nela pudesses respirar desperto
 e aprender que todo o homem, todo,
 tem direito a sê-lo inteiramente
 até ao fim. Terra de sol maduro,
 redonda terra de cavalos e maçãs,
 terra generosa, agora atormentada
 no próprio coração.

.....
 terra inocente, terra atraçoada,
 em que nem sequer é já possível
 pousar num rio os olhos de alegria,
 e partilhar o pão ou a palavra;
 (Andrade, 2005: 247)

No poema “Em Memória de Chico Mendes”, presente na mesma obra, *Homenagens e Outros Epitáfios* (1974), o escritor recorda uma das figuras mais emblemáticas da luta contra a destruição da floresta amazónica e das áreas indígenas. Sindicalista e fundador do Partido dos Trabalhadores, Francisco Alves Mendes Filho (1944-1988) foi preso, torturado e morto, uma semana depois de completar o seu quadragésimo quarto aniversário. Eugénio recorda-o:

Chegam notícias do Brasil, o Chico
 Mendes foi assassinado, a morte
 enrola-se agora nos primeiros frios,
 nem sequer a tristeza tem sentido,
 a bola continua em órbita, um dia
 estoira, o universo ficará mais limpo.
 (Andrade, 2005: 251)

São apenas alguns exemplos da palavra poética como denúncia dos atentados ecológicos, cotoveladas na indiferença que mostram um Eugénio empenhado de uma forma

mais intensa nas grandes causas do anti-belicismo e da ecologia.

3. A literatura e o poder instituído

Analizado o pendor interventivo da obra eugeniana, e exemplificadas duas das causas defendidas por este autor, importa, finalmente, considerar que tipo de dialética o poeta estabeleceu com o poder instituído. Eugénio aborda esta questão recorrentemente em todas as suas obras em prosa. Num trecho de *Rosto Precário* (1979), esclarece a sua posição, com sarcasmo: “Não frequento ministros, tenho poucas e desconfiadas relações com o poder (...) os políticos levam a gravata às ideias, e parecem sempre acabados de sair do costureiro, nunca de um gabinete de trabalho” (Andrade, 1995: 162).

Na obra *À Sombra da Memória* (1993), a propósito de uma conversa que teve com o então Primeiro-Ministro Mário Soares, sublinha a mesma ideia: “falei da minha desconfiança do poder, advogando a não ingerência do estado nas coisas da arte, pois fizesse o estado o que fizesse mais não faria que, mais cedo ou mais tarde, aproveitar-se da situação” (Andrade, 1993: 37).

Nesta linha, em *Os Afluentes do Silêncio* (1968), Eugénio denuncia o aproveitamento político da obra de dois grandes poetas: Luís de Camões, apropriado por “mesquinhos interesses” (Andrade, 1997: 18), e Fernando Pessoa, cujos versos “acabariam por ornamentar académicos discursos de poder, quer esse poder se reclame de espírito democrático quer, como anteriormente sucedera, se orgulhasse da sua vocação imperialista” (Andrade, 1997: 54).

Em suma, Eugénio ergue uma sobancelha desconfiada em relação a deputados, ministros e presidentes; teme a apropriação do discurso literário pelo discurso político; e advoga a liberdade de o poeta refletir e defender as suas causas *por si*, em vez de obedecer ao rebanho partidário, onde tantas vezes a consciência individual se submete ao pensamento amalgamado. Eugénio argumenta:

[O poeta] é por excelência aquele que diz não à peste negra da mentira, e se opõe, implacável, ao rasteiríssimo jogo da vileza *institucionalizada*. Porque a palavra poética visa a subversão — se assim não fora, que sentido teria esta música onde o homem morre, sílaba a sílaba para que outro homem nasça? (Andrade, 1995: 110)

4. A permanência do efémero

Uma poesia de denúncia, que adere à história, não é passageira, porque os acontecimentos se repetem e o seu significado ecoa no espaço e no tempo. Recordo, por

exemplo, que determinados poemas e canções de intervenção criados para combater os regimes totalitaristas de países latino-americanos foram interpretados por músicos portugueses, antes da revolução de Abril de 1974 e também nos passos ainda titubeantes da nossa democracia. Além disso, o protagonista da história é o ser humano — e este permanece imutável nos seus desejos, preocupações e sonhos, que a poesia inflama e reflete, agora e sempre.

Bibliografia

- Andrade, Eugénio de. *À Sombra da Memória*. Porto: Fundação Eugénio de Andrade, 1993.
- . *Rosto Precário*. 6ª ed. Porto: Fundação Eugénio de Andrade, 1995.
- . *Os Afluentes do Silêncio*. 9ª ed. Porto: Fundação Eugénio de Andrade, 1997.
- . *Poesia*. 2ª ed. revista e acrescentada. Porto: Fundação Eugénio de Andrade, 2005.
- Grossberg, Lawrence, Cary Nelson, e Paula Treichler. "Cultural Studies: an Introduction". *Cultural Studies*. Org. Lawrence Grossberg, Cary Nelson, e Paula Treichler. New York: Routledge, 1992. 1-22.
- Hauser, Arnold. *A Arte e a Sociedade*. Trad. de Maria Margarida Morgado. Porto: Presença, 1984.
- Karahasan, Dezevad. "Literature and War". *Agni* 41: 1-13.
- Reimão, Cassiano. "Síntese Final". *Educação Intercultural e Cidadania*. Org. Maria Teresa Ambrósio. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação, 2000. 131-144.
- Rocha, Luís de Miranda. "Dez Anotações a um Poema de Eugénio de Andrade". *Ensaio sobre Eugénio de Andrade*. Porto: Asa, 2005. 237-243.
- Rodrigues, Jorge. "Eugénio e a Música". *Cadernos de Serrúbia* 6 (out. 2006): 55-57.
- Stowe, Charles Edward, e Lyman Beecher Stowe. *Harriet Beecher Stowe: The Story of Her Life*. Boston: Houghton Mifflin, 1911.
- Torres, Alexandre Pinheiro. "O Conflito entre o Instinto e a Sociedade na Poesia de Eugénio de Andrade". *Ensaio sobre Eugénio de Andrade*. Org. José da Cruz Santos. Porto: Asa, 2005. 19-28.
- Vieira, Vergílio Alberto. "Uma Escrita da Terra". *JL: Jornal de Letras, Artes & Ideias*. 10 janeiro 1989: 13.

Resumo

“Temporal, por excelência, a palavra do poeta é uma palavra *preocupada*”, afirma Eugénio de Andrade. Na poesia, nas entrevistas e nos volumes de meditações que nos deixou (*Os Afluentes do Silêncio*, *Rosto Precário* e *À Sombra da Memória*), Eugénio debruça-se, diversas vezes, sobre a escrita como um ofício de cidadania. Neste breve estudo, refiro e analiso passos que apresentam o poeta como um cidadão comprometido com as causas do anti-belicismo e da ecologia. Para tanto, recorro à obra eugéniana, ao *corpus* crítico e à minha opinião.

Abstract

“Committed to the causes of its time, the words of a poet are always *preoccupied words*”, states Eugénio de Andrade. In his poetry, interviews and meditation books (*Os Afluentes do Silêncio*, *Rosto Precário* and *À Sombra da Memória*), Eugénio frequently approaches writing as a way of intervening in society. In this brief essay, I mention and analyze several passages that prove Eugénio is a concerned citizen, fighting militarism and defending ecology. In order to do so, I resort to his production, reviews and to my personal opinion.